

FAZER-TERRITÓRIO, FAZER-ANTROPOLOGIA: APRENDIZAGENS ETNOGRÁFICAS EM UMA DISCIPLINA EXTENSIONISTA

ISIS ALVES ARAÚJO¹; MARIA LUISA HILDEBRANDT NORONHA²

FRANCISCO PEREIRA NETO³

¹Universidade Federal de Pelotas – isis.araujo@ufpel.edu.br

²Universidade Federal de Pelotas – marialuisanoronha.ufpel@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – francisco.neto@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho é um relato de experiência instigado pela disciplina optativa de Antropologia Urbana, do curso de Bacharelado em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), durante o primeiro semestre de 2025. Com uma proposta extensionista, a disciplina articulou-se ao projeto de extensão "Pelotas pelas Águas", que busca investigar as relações entre cidade, ambiente e memória junto às comunidades que habitam regiões ribeirinhas do município. A ementa do curso propunha o desafio de "vivenciar a cidade 'de perto e de dentro', a partir de práticas, percepções e representações de seus habitantes", deslocando o aprendizado para além dos muros da universidade.

Nesse contexto, o objetivo da atividade de ensino era aplicar em campo o arcabouço teórico-metodológico da antropologia urbana, mobilizando conceitos de autores como José Guilherme Cantor Magnani e Michel Agier. A atividade culminaria na criação de um *produto etnográfico* que respondesse à provocação da disciplina, servindo como avaliação final e, ao mesmo tempo, como contribuição aos objetivos do projeto de extensão.

O campo escolhido para esta imersão foi a comunidade ribeirinha das Doquinhas, um território marcado por uma profunda agência das águas do Canal São Gonçalo e por sucessivas camadas de ocupação e abandono por um longo processo histórico. A relevância desta experiência formativa se intensificou a partir de um evento crítico: a inundação que atingiu a comunidade em 2024, que expôs de forma dramática o conflito entre a cartografia oficial do Estado – que enxerga a área como "risco" ou "vazio urbano" – e a contra-cartografia dos moradores, cujo modo de vida está intrinsecamente emaranhado à dinâmica das águas. Este relato, portanto, descreve não apenas uma comunidade, mas o processo de aprender a ver, ouvir e escrever antropológicamente a partir das margens.

2. ATIVIDADES REALIZADAS

A execução deste trabalho seguiu um percurso metodológico que articulou a preparação teórica em sala de aula com uma imersão etnográfica no campo, realizada ao longo de dois meses. A fundamentação para a pesquisa foi construída ao longo do semestre na disciplina de Antropologia Urbana, a partir da discussão de textos que nos prepararam para o trabalho de campo. Dentre eles, destacam-se os ensaios de José Guilherme Cantor Magnani – "De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana" e "Etnografia como prática e experiência" – que orientaram a busca por um olhar atento aos "pedaços" e circuitos que configuram a vida na cidade para além do planejamento oficial. A leitura de "Do direito à cidade

ao fazer cidade" de Michel Agier, por sua vez, forneceu a base para compreender as práticas de apropriação do espaço pelos habitantes das margens.

A inserção no campo foi viabilizada pela sinergia com o projeto de extensão "Pelotas pelas Águas", do qual as autoras já participam. A escolha pela comunidade das Doquinhas alinhou-se aos interesses de pesquisa prévios sobre as relações multiespécies nas margens do Canal São Gonçalo. A entrada na comunidade ocorreu após quatro semanas de aulas e foi realizada em colaboração com outro colega da disciplina. Um deles, que já desenvolvia um trabalho audiovisual no local, foi fundamental ao mediar o contato com a primeira interlocutora da pesquisa, Dona Gilda, uma reconhecida liderança comunitária. Essa abordagem, pautada em uma relação de confiança preexistente, foi essencial para a condução do trabalho.

O processo de pesquisa etnográfica consistiu em visitas regulares à casa de Dona Gilda, que se tornaram encontros semanais ao longo de dois meses. As conversas se desenrolavam de forma fluida em sua cozinha, um espaço de sociabilidade central, onde, ao redor da mesa, a interlocutora compartilhava memórias sobre sua vida, sobre a história da comunidade, o trabalho no Instituto Hélio D'Angola, os impactos devastadores da enchente de 2024 e a luta contra as soluções de remoção propostas pelo poder público. Complementarmente, foram realizadas duas visitas à "vila dos pescadores", o local mais atingido pela cheia, permitindo a observação direta da precariedade material e da resiliência dos moradores – humanos e não-humanos – que ali persistiam.

A etapa final consistiu na análise e sistematização do material etnográfico, onde a metodologia se desdobrou de forma criativa. As narrativas de Dona Gilda foram o ponto de partida para a elaboração de um *contra-mapa* da comunidade. Os locais, os trajetos e as relações mencionadas por ela foram transpostos para uma cartografia afetiva, cuja legenda foi construída com suas próprias palavras, transformando o mapa em um documento de autoria compartilhada. Para interpretar a complexa trama de vidas observada, que incluía não apenas os moradores, mas seus animais e a própria agência do Canal, foram mobilizadas as ferramentas teóricas do antropólogo britânico Tim Ingold e da antropóloga norte-americana Anna Tsing, referências que já compunham a bagagem de pesquisa das autoras e que permitiram aprofundar a análise das relações multiespécies que constituem o território.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência etnográfica na comunidade das Doquinhas, proporcionada pela disciplina de Antropologia Urbana, revelou-se um profundo processo de aprendizado, cujos resultados transcendem a mera aplicação de teorias. O principal resultado obtido foi a compreensão, "de perto e de dentro", da existência de uma guerra de cartografias no território. De um lado, o mapa do Estado que opera definindo a área por suas ausências. De outro, a contra-cartografia da comunidade, que se tecer por um emaranhado de relações. Nesse processo, a teoria antropológica deixou de ser um fim em si mesma para se tornar uma ferramenta de análise viva e um dispositivo que dá voz à comunidade. A materialização deste processo se deu de duas formas: a produção de um ensaio de caráter etnográfico e, dentro dele, a elaboração do contra-mapa (Figura 1), tornando-se o coração do nosso "fazer-antropologia".

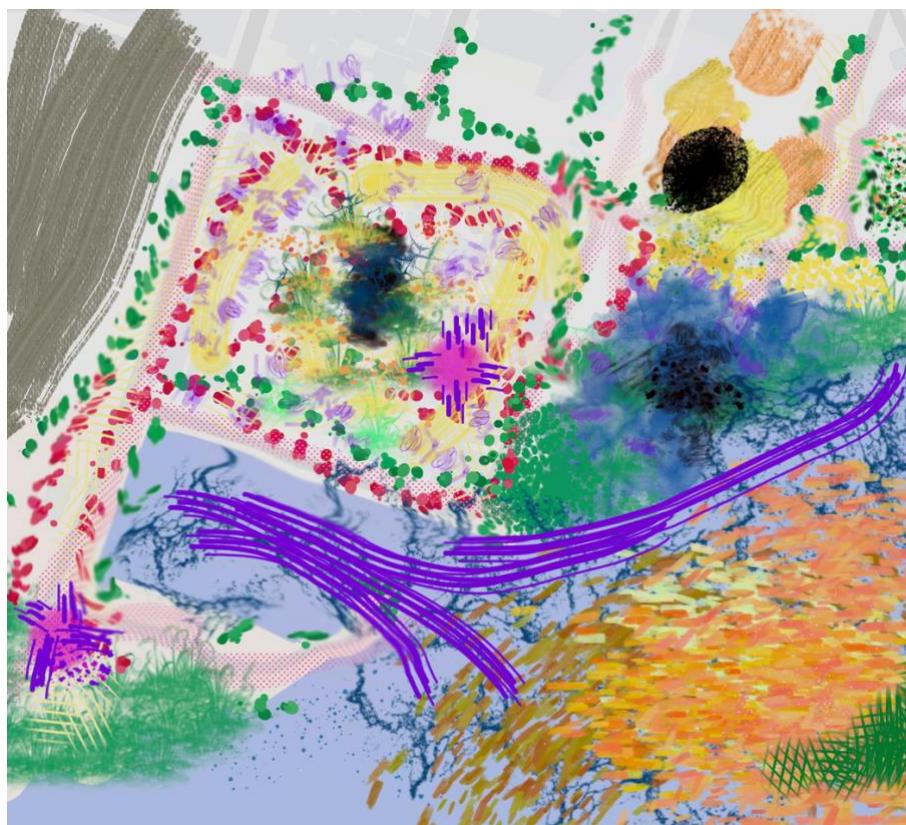


Figura 1. O Contra-Mapa das Doquinhas: uma cartografia do Corpo-Margem. Cartografia elaborada inscrevendo as linhas da sociabilidade humana e as tramas da vida mais-que-humana. Fonte: Elaborado pela autora (2025).

As implicações desses resultados são vastas. Para a formação em Antropologia, a experiência demonstrou a importância vital de disciplinas com caráter extensionista, que nos incentivam a confrontar a abstração teórica com a complexidade do real. A principal lição aprendida é que o planejamento urbano não pode ser uma prática de gabinete; ele precisa se deixar afetar pelos saberes e pelas lógicas territoriais daqueles que, de fato, "fazem-cidade" todos os dias. O desafio que se impôs foi o de traduzir a densidade da vida nas margens – seus afetos, suas dores, sua resiliência – para a linguagem acadêmica sem traír sua complexidade, um exercício constante de reflexividade e escuta.

Refletindo sobre o processo, o maior desafio foi o de desconstruir um olhar previamente treinado a enxergar "carência" para aprender a ver a "potência". Foi preciso aprender a ler as memórias do chão, a agência das águas e a política que se tece em uma cozinha. A lição mais duradoura é a de que a antropologia, mais do que uma ciência sobre o outro, é uma prática de coabitação e de atenção às múltiplas formas de vida que constituem um território. Conceitos como "fazer-território" e "Corpo-Margem", desenvolvidos no ensaio original, não foram categorias prévias, mas emergiram como "resultados" desta imersão, como um esforço de nomear a insurgência que se testemunhava.

Como sugestão para futuras investigações, esta experiência aponta para a necessidade de aprofundar a documentação das práticas do "Corpo-Margem", talvez por meio de metodologias audiovisuais. Além disso, sugere-se que o projeto "Pelotas pelas Águas" possa utilizar os contra-mapas como ferramentas em oficinas com a comunidade, transformando um resultado acadêmico em um instrumento de luta política e de planejamento participativo, reforçando o ciclo virtuoso entre ensino, pesquisa e extensão.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGIER, M. Do direito à cidade ao fazer-cidade: o antropólogo, a margem e o centro. **Mana**, v. 21, n. 3, p. 483-498, 2015.

INGOLD, T. **The Life of Lines**. London: Routledge, 2015.

MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.

MAGNANI, J. G. C. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, v. 15, n. 32, p. 129-156, 2009.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

TSING, A. L. **The Mushroom at the End of the World: On the Possibility of Life in Capitalist Ruins**. Princeton: Princeton University Press, 2015.